

IMIGRANTES EMPREENDEDORAS: ASHKENAZITAS, SEFARDITAS E ORIENTAIS (1945-1956)

Marie Felice Weinberg¹

Recentes estudos sociológicos vêm mostrando a importância das mulheres e a valorização dos estudos sobre suas conquistas no mercado de trabalho. Nenhuma das pesquisas, entretanto, abordou as mulheres judias que, inseridas no contexto familiar, ousaram empreender ações em busca de soluções econômicas, visando o lucro para garantir suas necessidades e a de seus familiares. Com este trabalho, pretendemos preencher esta lacuna.

Os estudos realizados sobre a imigração de judeus em nosso país concentram-se em núcleos de famílias e, em particular, na figura masculina, único partícipe de empreendimentos econômicos e pela manutenção da estrutura familiar. Como chefes de família ou como profissionais são responsabilizados, inclusive pela inserção do grupo no meio social, restando às mulheres o papel de figurantes e elemento passivo no enredo familiar dos grupos culturais judaicos.

O tema abrange o período que se estende do final da segunda guerra Mundial até 1956, quando no Egito e outros países árabes apoiaram a ascensão ao poder o General Gamal Abdel Nasser, rompendo as antigas e amistosas relações entre muçulmanos e judeus. Do outro lado, a cidade de São Paulo apresentava amplas possibilidades e perspectivas econômicas a imigrantes que buscassem terras politicamente tranqüilas da América.

A pesquisa excluiu o período vivenciado pelas imigrantes judias durante o Holocausto, o que facilitou a participação no estudo. Os judeus, que viviam nas terras atingidas pelo Nacional Socialismo, estavam proibidos de emigrar para Israel e transferiram-se para outros países da

• ¹ Mestre na área de Língua Hebraica, Literatura e Culturas Judaicas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 03/09/2004:
“Histórias Recontadas: Judias Imigrantes Empresárias em São Paulo (1945-1956)”

- Participante do grupo de Pesquisa no Departamento de História Econômica da Universidade de São Paulo: “Mulheres Proprietárias”
- Participante do grupo de Pesquisa no Departamento de Psicologia Social da Universidade de São Paulo: “E/Imigrantes”

Europa e América, entre os quais o Brasil. Embora ainda vigorassem restrições oficiais à entrada de imigrantes, as cidades brasileiras receberam, terminada a Segunda Guerra, os sobreviventes do Holocausto e os refugiados da Europa Ocidental e Oriental, bem como os banhados pelo Mediterrâneo.

Para nossos objetivos a História Oral foi a metodologia escolhida para compor as histórias de vida de mulheres que imigraram a São Paulo, entre 1945 e 1956 que trabalharam, visando o lucro, apoiadas em seu próprio capital. Embora não assumam sua autoria, elas romperam com os papéis tradicionais femininos mantendo a harmonia na esfera familiar pautada numa organização patriarcal. Esta diretriz permitiu incluir as minorias, tornando-se um instrumento fecundo para compreender o universo desse estudo. A pesquisa qualitativa foi a técnica utilizada, visando a criação de espaço na história deste grupo étnico “*valendo como revisão de situações estabelecidas, pois, quase sempre, ela propõe alterações interpretativas que contrastam com a ordem vigente*”²

A primeira grande dificuldade encontrada para esse estudo foi a composição da amostra. As mulheres casadas até o presente, não aceitam assumir seus papéis de empreendedoras. Desta maneira, o objeto da pesquisa ficou quase ausente, visto que era exigido como pré-requisito: ser judia, imigrante na cidade de São Paulo no período e de ter exercido o papel de empresária³, independente do sucesso do empreendimento.

Essa constatação impele a certos questionamentos, como a possível falta de espaço social ao empreendedorismo feminino ou a perpetuação do modelo conservador da sociedade patriarcal judaica.

Ainda que só no plano discursivo, há o desafio da releitura ou, re-ouvir as histórias que poderão contribuir para contradizer os discursos normativos, encarados como naturais, talvez, por corresponderem a uma narrativa patriarcal que até aqui permanece preservada pelas próprias mulheres.

2 MEIHY, J. C. Sebe Bom. *Manual de História Oral*, 3.ed.São Paulo: Ed.Loyola, 2000. p. 15.

3 “*Pessoa ou grupo de pessoas que inicia e ou administra uma empresa, assumindo a responsabilidade por seu funcionamento e eficiência*”.SANDRONI, Paulo. *Dicionário de economia*. SÃO Paulo: Ed. Nova Cultural, 1987.p.138/139.

Para definir o grupo de 22 mulheres judias, a “*auto-identificação*”⁴ serviu como referencial. A discussão sempre atual sobre o significado de identidade judaica converge para a questão dos valores que geram diferentes processos identificatórios deixou de ser analisado no momento.

As entrevistas⁵ foram individuais, na residência da família ou no escritório, e o tempo de duração não foi limitado, mas estendeu-se, em média, por três horas. As mulheres exigiram a omissão de suas identidades, pedindo a utilização de nomes fictícios. Tampouco aceitaram a gravação de suas falas, ficando suas falas restritas às anotações. Ainda, uma nova surpresa diante da presença inesperada do marido ou filho, no momento da entrevista, o discurso se alterava. Diante disso, marcávamos novos encontros para melhor elucidação da história.

Além das trajetórias de vida, oralmente obtidas, consultamos o acervo do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, de São Paulo, de onde pudemos incorporar depoimentos orais, ali registrados.

Diante desse panorama inquietante, que se traduziu numa minimização sobre as iniciativas abre-se espaço para discussão sobre o exercício dos papéis femininos em conflito com o âmbito público, mostrando-se um novo som, em meio ao silêncio sobre as iniciativas das mulheres que parecem ousar e criar o avesso do homem.

Cenário

O povo judeu viveu disperso por séculos entre outras sociedades e manteve sua unicidade na religião, filosofia, valores éticos, morais e ancestralidade, somando uma pluralidade cultural resultante de sua participação em contextos nacionais diversos. Embora a religião seja vista como o fio-mestre da unidade desse povo, a organização social contemporânea abriu espaços para a valorização de outros conceitos, geradores de diferentes processos identificatórios, como os preceitos ortodoxos, conservadores, liberais, a filosofia

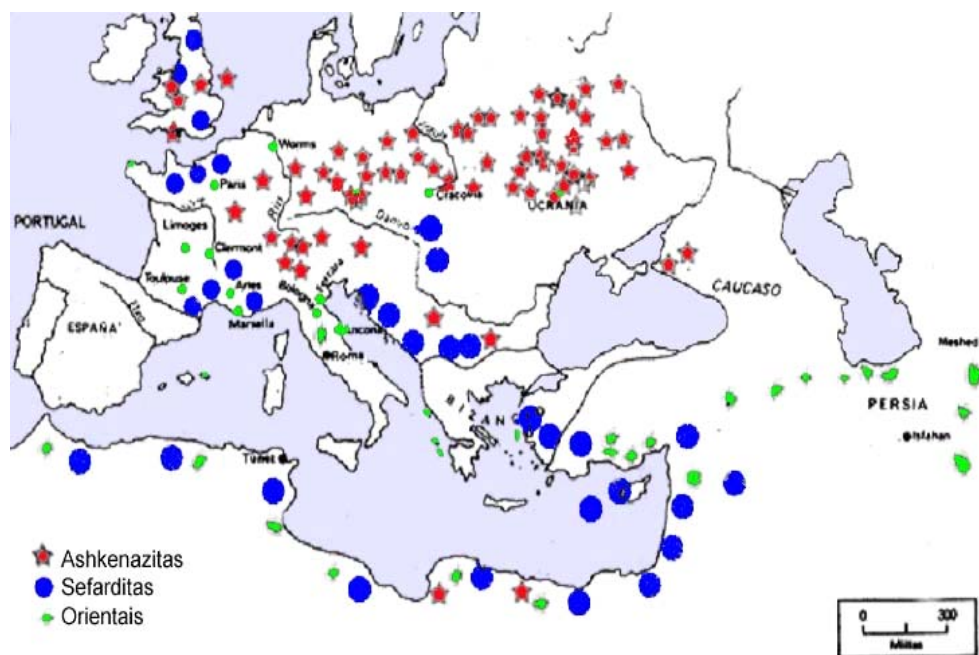
4 RATTNER, Henrique. *Tradição e Mudança (A Comunidade Judaica em São Paulo)*, São Paulo: Ática, 1977. p.132

5 A apresentação integral das entrevistas é parte da dissertação de Mestrado na área de Língua Hebraica, Literatura e Culturas Judaicas, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 09/2004: “Histórias Recontadas: Judias Imigrantes Empresárias em São Paulo (1945-1956)”

ético-moral, a matrilinearidade e, após 1948, a identificação ideológica e política com o Estado de Israel.

Considerando as diferenças culturais, pouco conhecidas, apresento um rascunho referente à localização dos diferentes grupos culturais judaicos nos países de origem das imigrantes aqui apontadas.

Distribuição da população judaica nas comunidades de origem



Fonte: Esboço sobre mapa do Início do século XX - Mapa de Martin Gilbert⁶

Esses grupos, fruto das incessantes diásporas, viveram em áreas, concomitantemente, embora se mantivessem separados.

Na busca de estudos mais sistemáticos sobre as diferenças culturais existentes no grupo étnico judaico apresentamos os valores modos de vida de cada grupo até sua ruptura na origem e, recriação de laços de convivência na sociedade paulistana.

→ Ashkenazitas:

As mulheres que vieram da Europa Central e Oriental, constituem-se no maior número de entrevistadas deste trabalho, assim, iniciamos pelo grupo lingüístico-cultural identificado com o iídiche - ashkenazitas.

⁶ GILBERT, Martin. *Atlas de la História Judia*, Jerusalém: La Semana Publicaciones, 1978. p.60

A sobrevivência econômica, a profissionalização, o proletariado, as novas exigências de competência individual, a secularização da sociedade, entre outros fatores, foram dissolvendo os muros que continham esse universo público separado e distante da realidade privada judaica do período. Aos poucos, o mundo judaico vai ganhando novas formas e o espaço privado invadido por distintas necessidades, abrindo oportunidades à mulher.

→ Sefarditas e Orientais

Em países da Europa Ocidental e Oriental e nos banhados pelo Mediterrâneo existiam, sobretudo, judeus sefarditas, tais como: França, Itália, Turquia, Chipre, Grécia, Bulgária, Tunísia, Líbia, Marrocos, Argélia e Egito, provenientes da Península Ibérica, e identificados pelo idioma ladino. Próximos, os judeus orientais viviam no mundo árabe: Palestina, Iraque, Síria, Líbano e Egito falando, em geral, o idioma árabe. O grupo sefardita representava no século XII, 90,0% da população judaica mundial, caindo em 1700 para 50,0%, como consequência de emigrações forçadas, ficando reduzida a 10,0% em 1930.⁷

Os sefarditas distinguiram-se dos outros dois grupos culturais significativos para este estudo, por contar com maior participação efetiva feminina nas sinagogas e serviços religiosos. As moças aos 12 anos, também, faziam sua iniciação religiosa e apresentavam-se oficialmente à comunidade. A liturgia sefardita contava com canto de coros mistos que permeava todo o serviço religioso, num diálogo em que se alternavam fiéis e coro. Incensos eram usados e dos salmos eram frisadas as entrelinhas compostas, permeando de simbologias o universo místico da maioria das mulheres sefarditas. Esse grupo cultural abriu espaço para a participação feminina nos estudos religiosos, trazendo a institucionalização do “*Bat-mitzva*” (festa da maioridade feminina) no Brasil.

As mulheres orientais permaneceram em suas casas concentradas no grupo familiar feminino e suas várias gerações que se desdobravam em afazeres femininos como a educação dos filhos, a cozinha, os trabalhos manuais e artesanais. No grupo, expressavam-se livremente os sentimentos, mas, mantidos numa atmosfera hermética do universo feminino. As casadas, mães, avós e tias eram as interlocutoras desse universo para o mundo masculino e público. A

literatura e a música eram as aptidões diferenciadas e aceitas dentre as práticas permitidas às bem-educadas, às recatadas moças de olhar baixo preparadas para o casamento indicado e acertado entre as famílias.

Novos Horizontes

Na busca por alternativas de sobrevivência, judeus, entre outros, imigraram legalmente para o Brasil e outros países, estimulados pelas múltiplas possibilidades que essas economias, em expansão, poderiam oferecer.

A maioria dos imigrantes de São Paulo era formada de italianos, seguida de portugueses e espanhóis e, em menor escala, japoneses, sírios, libaneses, poloneses, judeus, armênios e alemães. A cidade também contava com um movimento migratório de outras regiões brasileiras, criando tons diversos ao sotaque paulista. Essa multiplicidade étnica modificou o tecido sociocultural, compondo uma nova urbanidade.

Do grupo imigrante, as mulheres judias, provenientes de vários países, onde vivenciaram circunstâncias hostis ao exercício da religião e das tradições judaicas, ao imigrarem encontraram no sudeste brasileiro, um período de crescimento demográfico e econômico, circunstâncias favoráveis às iniciativas profissionais.

Considerações finais

Sendo o período estudado período econômico favorável face às altas taxas de crescimento, o mercado produtivo reagiu, criando uma forte demanda. As empresas crescendo e tornando-se complexas, abriam espaço para a contratação de mão-de-obra administrativa. No entanto, o papel central familiar continua sendo adequadamente exercido nas pequenas e médias empresas⁸.

Neste contexto, as imigrantes puderam produzir recursos para resgatar o padrão familiar de consumo, num contexto social de aumento geral da participação feminina no mercado de trabalho. Essas atividades eram em sua maioria habilidades desenvolvidas no

7 SEPHARADIC POPULATION FIGURES THROUGH HISTORY – rufina@netactire.co.za

8 PISCITELLI, Adriana. *“Jóias de família”*: Gênero em histórias sobre grupos empresarias brasileiros, Campinas, 1999. Tese de Doutorado - IFCH /UNICAMP. p. 13.

ambiente familiar, o que “borra⁹” a percepção sobre a capacidade técnica e o dom, permitindo uma minimização do caráter profissional.

Para os casos estudados, estas mulheres tinham um capital cultural que as diferenciava e as colocava afinadas com a camada social dominante. Eram preponderantes nas decisões do processo produtivo, pois criavam e reproduziam os gostos e padrões de consumo, de acordo com as camadas mais abastadas, consolidando seu papel de mentoras, ainda que em atividades fortemente relacionadas ao universo feminino.

Diante das conquistas relativas, as mulheres e os familiares começaram a participar transformando rapidamente em “nosso” o resultado do trabalho, sem caracterizar o dinheiro ganho como de propriedade da empreendedora. De acordo com Scott¹⁰, constatamos, que as mulheres ainda, necessitam da aprovação dos homens em suas conquistas comerciais e, assim, mantêm a subordinação à competência do masculino.

Assim, envolvidas com a imagem idealizada de suas funções femininas, abriram mão do poder e da autonomia financeira para serem reconhecidas em seu papel “maior”: encaminhar os filhos para serem motivos de orgulho familiar; administrar o orçamento e o lar, exemplarmente, sem, contudo, deixar de ser a esposa ideal. Neste sentido, este trabalho mostrou-se diferente de outros estudos sobre empresários, como o de Piscitelli¹¹, que afirma ter encontrado “um tom neutro dentro das atividades de descendência”. Ao abrir mão, da autoria de suas iniciativas, a maioria permanece omitindo atitudes relativas à competência do universo masculino.

No entanto, os papéis passaram por mudanças que podem ser constatadas entre as descendentes, que mesmo não tendo sido envolvidas no negócio familiar, são graduadas e exercem suas profissões. Fato relevante para os imigrantes, em geral, que apostaram numa ascensão social, também, via projeto educacional e profissional dos filhos¹², exceção feita às

9 BRUSCHINI, Cristina; SORJ, Bila (org) *Novos olhares:mulheres e relações de Gênero no Brasil*. São Paulo: Marco Zero:Carlos Chagas,1994. p.194

10 SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: Scott, Joan. *Mulher e realidade*. Rio Grande do Sul: Vozes, 1990. p. 86

11 PISCITELLI, Adriana. “*Jóias de família*”:Gênero em histórias sobre grupos empresarias brasileiros,Op. Cit. p. 97.

12 OSMAN,Samira Adel. *História Oral de Famílias Imigrantes Árabes em São Paulo*. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom.(Org) *História Oral de Família*, São Paulo: CEDHAL,1997- v. nº 5. p. 27

filhas de famílias religiosas que se dedicam à vida doméstica. Reforça-se aí uma característica destas empreendedoras que não projetaram durabilidade de seus negócios, privilegiando a ambição e vocação de seus descendentes. Esse desdobramento pode ser justificado por uma percepção de atuação econômica circunstancial e sem significado.

Surpreendeu-nos, em especial, a banalização demonstrada, nas histórias recontadas sobre as iniciativas e conquistas alcançadas. E diante de um questionamento mais profundo a questão da preservação dos segredos sobre as iniciativas femininas foi reafirmada e apresentada como uma articulação para a manutenção da harmonia familiar, pois esta, ainda permanece alicerçada no código da família patriarcal-judaica que faz uma clara referência à divisão de papéis de gênero.

Pelos relatos, verificamos que a diferenciação sobre os graus de conservação das relações patriarcais judaicas contrapõe-se às personalidades marcantes, que ousaram e com muita coragem e energia, assumiram riscos. Da ação educativo-idiomática passando pelos ajustamentos relativos aos mecanismos econômicos, as regras sociais, entre outros aprendizados. As mulheres teceram, dia a dia a rotina familiar reafirmando o valor da família. Dessa maneira, mantêm suas iniciativas restritas ao âmbito privado, eternizando a divisão de papéis de gênero. Diante da densa neblina, que encobre a divisão entre o espaço público e privado, as histórias permanecem como “*segredos nossos*”.

A singularidade das histórias que compõem este trabalho dá significado ao reexame do ângulo da visão e à possibilidade dos ecos na sociedade patriarcal judaica, grifada pela pequena participação numérica, mas significativa, das vozes vindas entre as sefarditas e orientais. Mais resistentes às mudanças, ao diferente, tornam inconcebíveis certas conquistas, mantendo com eufemismos os sorrisos e olhares condescendentes.

A pesquisa pretendeu reler os velhos momentos, embora pareçam novos ou, de fato, momentos de inflexão que cada fala tem, ao perturbar o movimento previsível dos grupos culturais judaicos. Desse modo, apoiados, nesta questão, apresentamos algumas nuances que percorreram o cotidiano das entrevistadas, trazendo a necessidade de reconhecer o contexto e

as possibilidades não somente de ser, mas estar na comunidade. Os resultados prevalecem na questão de gênero ou sexo, neutralizando outras tantas variáveis, alinhadas aqui.